



## O CONCEITO DE ANTIGO E NOVO HOMEM NA PERSPECTIVA PAULINA

Clélio Luiz Zezília<sup>1</sup>  
Sandro Pereira<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo aborda o conceito de antigo e novo homem a partir da perspectiva paulina. Parte do princípio fundamental de que todo o cristão precisa entender a respeito do que Cristo fez pelo homem. Paulo trata disto em algumas de suas cartas. Em Romanos, o tema é abordado de forma abrangente onde Adão é tido como “figura” (*typos*) de Cristo. A pesquisa não entra profundamente em alguns assuntos sobre morte e pecado, pelo fato de que busca lidar sempre com a obra que Cristo fez pelo ser humano. O estudo mais aprofundado aqui discorre sobre esta obra do Messias, onde Ele proporciona uma nova vida a todos aqueles que nEle creem. Os que adotam esta fé no Cristo ressuscitado, não partem do entendimento de que nada mudou em suas vidas, pelo contrário, sabem que esta obra de Jesus foi importante para a salvação; por fim, afirma-se que todos que aceitaram seu senhorio irão sempre esperar pelo seu retorno que foi prometido para aqueles que nEle confiam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antigo homem; Novo homem; Adão; Cristo; Paulo; Ressuscitado; Salvação; Retorno.

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo “o conceito de antigo e novo homem na perspectiva paulina”. O objetivo é compreender o sentido atribuído ao que vem a ser antigo e novo homem, a partir da compreensão da epístola aos Romanos (sem descuidar, contudo, de outros textos paulinos que versam sobre o tema) que revela

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade Cristã de Curitiba.

<sup>2</sup> Orientador. Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FTBP); pós-graduado em Educação à Distância pela Faculdade de Administração, Ciências e Letras (FACEL); pós-graduado em Pedagogia Social pela FACEL; Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).



que, embora o homem seja corrompido pelo pecado, Cristo, nos possibilita novidade de vida através do novo ser.

Para isso, será analisado o que Cristo realizou pelo ser humano. É necessário destacar que nesta pesquisa, o antigo homem e velho homem tratam-se de Adão. Compreende-se que por um homem entrou o pecado no mundo, e isto desencadeou uma série de problemas, e por esta razão, adveio à corrupção do gênero humano. Todo ser humano que se achega a Cristo, pode ser uma nova criação e ter os seus pecados perdoados. Para isto, precisa crer na pessoa de Cristo e seguir o seu caminho.

A ressurreição é dada como ponto de partida para a nova criação. Visto que a ressurreição de Jesus tem como ponto chave o sentido do nascer de novo, tornando-se este um aspecto central do Cristianismo, é necessário que todo o cristão compreenda o que Cristo realizou na cruz para poder entender os benefícios trazidos à sua fé.

O surgimento desta doutrina é estudado pelo pressuposto do pensamento paulino, o impacto que ela causou pelo seu anúncio e o êxito alcançado por esta declaração de que Cristo ressuscitou chegando até os nossos dias.

O novo homem é entendido como o ser humano que busca um recomeço com Cristo, através da crença de que ele ressurgiu dentre os mortos. Após receber o senhorio de Cristo, o batismo como ato público irá declarar que o homem aceita o seu novo estado. A reconciliação da criatura com o criador, irá dar esperança para o retorno de Cristo que virá novamente buscar a todos aqueles que nEle esperam.

A vida de Cristo, sua morte e ressurreição trazem grandes benefícios para aqueles que creem na sua pessoa, pois isto traz uma grande mudança de vida segunda às Escrituras.

## **1. PAULO E O ANTIGO HOMEM**

### **1.1. Adão no Judaísmo antigo**



Para entender a respeito do antigo homem, deve-se partir de como o judeu entendia o conceito de *'ādām*, homem varão, gênero humano, pessoa, alguém (indefinido), Adão (VINE, 2002, p. 142).

A LXX<sup>3</sup> traduz *'ādām* por *anthropos* até Gênesis 2.18, depois (e em 2.16) por *Adam*. Paulo, sendo judeu e fariseu, entendia muito bem a respeito deste assunto. Dunn deixa claro, a esse respeito ao afirmar que:

Há diversos aspectos notáveis de Gn 1-3 que influenciaram diretamente o uso que Paulo fez do texto. Em primeiro lugar, o emprego do termo *adam*. *Adam* é muito usado nas Escrituras hebraicas no sentido de “humanidade, ser humano”. O mesmo vale de Gn 1-2 como mostra claramente 1,26-28 e 2,7. Ao mesmo tempo há na narrativa uma ambivalência entre *adam* como um indivíduo e *adam* representando a humanidade como um todo. (2003, p. 116-17).

Em relação ao relato da criação, em grande parte, na narrativa de Gênesis 3, a figura de Adão é um dos centros das discussões a respeito da pecaminosidade humana, quer seja no judaísmo e também no cristianismo, pois as duas religiões possuem a mesma visão a respeito do pecado com o início em Adão (Dicionário de Paulo e suas cartas, 2008, p. 27).

Alguns teólogos confirmam que o tratado paulino gira em torno da queda (CERFAUX, 2012ii, p. 427). No que diz respeito ao homem, fica claro nas Escrituras, que este tinha uma ligação com Deus e perdeu assim que “comeu” do “fruto da árvore proibida.” Este axioma é evidente na visão judaica; é denominado “o pecado” como a perda de ligação do Criador com a sua criatura.

## 1.2. Adão na visão paulina

Sabe-se que a história humanidade começa pela criação. Infelizmente o período da criação foi bruscamente transtornado por uma desobediência do homem. Quando

---

<sup>3</sup> Septuaginta, tradução grega do Antigo Testamento Hebraico.



Paulo trata de Adão ou alude a ele, trata da humanidade como um todo, pois toda a criação humana está ligada à questão da entrada do pecado, como a situação da salvação pela graça em Cristo. Deve-se entender que Paulo capta o ser humano a partir da perspectiva de sua hermenêutica de Cristo (SCHNELLE, 2010i, p. 635). Isso significa que o apóstolo faz uma interpretação de Adão relacionando com Jesus de um modo geral, pois ele mesmo diz em sua epístola:

Por isso, como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim a morte passou a todo o gênero humano, porque todos pecaram [...] Pois se a falta de um só causou a morte de todos os outros, com muito mais razão o dom de Deus e o benefício da graça obtida por um só homem, Jesus Cristo, foram concedidos copiosamente a todos. (BÍBLIA, N.T., Romanos 5.12-15)

Paulo afirma que por um homem (*anthropos*) entrou o pecado no mundo, e por isto, Cristo veio para nos libertar deste pecado através da graça. Para ele, Adão é “figura” (*typos*) de Cristo (Romanos 5.12-21) (SCHREINER, *apud* SEIDENSTICKER, 2008, p. 85).

O termo *typos*<sup>4</sup> (“imagem semelhança”) em Romanos 5.14 sinaliza o entendimento intencionado por Paulo: “Adão em seu efeito universal de desgraça é para Paulo o *typos* da prefiguração, pelo qual Deus anuncia o futuro Adão, a saber, Cristo, em seu efeito universal de salvação” (SCHNELLE, 2010i, p. 415).

Em resumo, o homem cobiçou a sabedoria de forma independente de Deus e tentou tornar-se como Deus, isto resultou em Adão a exclusão da vida eterna com seu criador. Por meio de Adão, o pecado e, com ele, a morte, entrou no mundo (Romanos 5.12).

Nota-se no texto aos Romanos, que é por Cristo, que a vida chega com abundância. Schnelle menciona que enquanto Adão é o representante do pecado, da

---

<sup>4</sup>Aqui, o centro muda de Adão como simples figura histórica para Adão como personagem tipológica ou representativa contraposta a Jesus Cristo (em Rm 5,14, o termo real *typos*, “tipo” [TEB e BMD: “figura”] é usado com referência a Adão) (Dicionário de Paulo e suas cartas, 2008 p. 25).



morte e da escravidão do ser humano sob esses poderes, revelou-se por e em Cristo a possibilidade da vida escatológica (SCHNELLE, 2010i, p. 415).

### 1.3. Pecado

O pecado pode se referir a alguma quebra de um mandamento divino. A transgressão da humanidade começou com a quebra de uma ordem divina (Gênesis 3.17). Cerfaux assevera que Romanos 1.18 serve de prelúdio a uma descrição histórica das desordens morais da humanidade: “A cólera de Deus se revela do céu, sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que fizeram obstáculo à verdade por injustiça”, ou seja, Deus não se agrada de forma alguma quando sua ordem é desacatada, pelo fato de que Ele conhece o ser humano, e sabe que, o pecado (desobediência) gera o afastamento deste. Esse ato de “pecar (injustiça)” faz com que a sua justiça caia sobre os que lhe desobedecem (CERFAUX, 2012ii, p. 424).

Sobre o conceito de pecado, o “dicionário de Paulo e suas cartas” registra que:

Paulo apresenta uma sólida análise do problema do pecado na Carta aos Romanos, onde usa o substantivo para "pecado" (hamartia) 48 vezes, o substantivo "falta" (paraptoma) 9 vezes, o verbo "pecar" (hamartano) 7 vezes, "pecador" (hamartolos) 4 vezes, "mau" (kakos) 15 vezes e "injustiça" (adikia) 7 vezes. Além disso, Paulo emprega algumas outras palavras com sentidos similares que individualmente não ocorrem com frequência, mas que, quando usadas em conjunto, constituem grande parte de Romanos. (2008, p. 969).

É possível perceber que esta carta, possui a maior concentração de palavras sobre o pecado. Na mesma obra são mencionados muitos problemas sobre o pecado com muitos detalhes minuciosos pelos quais o apóstolo faz declarações à luz do anunciado evangelho de Deus em Romanos 1.16-17.

Paulo associa claramente a entrada do pecado e da morte no mundo com a transgressão de Adão. A sua desobediência desencadeou uma série de problemas para a humanidade. Segundo a ótica paulina, pecado é um poder (DUNN, 2003, p.



150); um poder pré-estabelecido para cada existência humana que tem um caráter fatídico (SCHNELLE,2010i, p. 643).

Já Bernard Rey associa pecado como uma transgressão. Segundo ele “O pecado é considerado como uma potência má que faz seu aparecimento na história dos homens” (REY, 2005, p. 81).

Bultmann, a seu turno, faz uma análise interessante ao dizer que “o pecado, é uma revolta contra Deus, que, como criador, é a origem da vida, e cujo mandamento é um mandamento para a vida (Romanos 7.10)” (BULTMANN, 2008, p. 291).

Referente a Epístola aos Romanos, no sentido de pecado, Paulo usa a discussão sobre o tema a partir de Romanos 5.12. Embora ele comece a epístola com um forte argumento de que tantos judeus e gentios estão sob o império do pecado, “Não há justo, nem mesmo um só” (Romanos 3.10), esse aspecto é eminente na sua análise da condição humana com base em Gênesis 1-3 (DUNN, 2003, p. 148).

Para Paulo, “*hamartia*” afasta homens e mulheres do que é bom e os faz desviar dos seus objetivos, isto é, erram o alvo. Foi isto que aconteceu quando o homem separou-se de seu Criador. Segundo a carta, todos nós estamos debaixo deste poder do mal (Romanos 3.9).

Assim entende-se por pecado, este estado de erro que se chama de pecado original. É uma realidade que afeta a todos os homens.

#### 1.4. Morte

No pensamento bíblico, o homem possui forças sobre-humanas que incidem sobre ele, e uma destas forças é a morte. Além da morte física, pela qual todo o ser humano tem que passar, existe a morte espiritual que nada mais é que o afastamento de Deus. Se Deus abandona o homem, Ele o faz cair em angústias internas e externas; se o homem se separa de Deus (pecado), aí começa a “morte”, cuja natureza, cujo fim e poder se mostram com toda a evidência na morte física (Romanos 6.21) (SCHREINER, *apud* SEIDENSTICKER, 2008, p. 85).



Dunn entende que quando Paulo menciona “morte”, ele a menciona com um espectro de uso semelhante (e relacionado) ao da carne (DUNN, 2003, p.163). Logo compreendemos que aquele que está alimentando a carne, está propenso a morrer (se separar) de Cristo, pois o salário do pecado é a morte (Romanos 6.23).

Em Romanos 5.12-21, Paulo dá a explicação histórica do predomínio da morte na humanidade adâmica. Rebelando-se contra o seu criador, Adão desencadeou uma torrente de males: o “pecado” (qual poder demoníaco personificado) veio ao mundo, seguido da “morte”, cujo domínio se manifesta na morte física de todos os homens. Em Paulo, a “morte” não é mais um poder autônomo, como no Antigo Testamento, mas subordinado ao campo de ação do “pecado”. (SCHREINER, *apud* SEIDENSTICKER, 2008, p. 86).

Os descendentes de Adão participam ativamente desta desgraça. Por causa de Adão todos estão sujeitos ao “pecado” e à “morte”. Fica claro em Romanos o conceito de pecado. “O pecado imperou na morte” (5.21). A morte é o resultado final, *telos*<sup>5</sup>, a expressão, conclusão, clímax do pecado “O salário do pecado é a morte” (6.23).

O “velho homem” para Paulo caracteriza-se pelo pecado. Um ser que vive fora do centro da vontade de Deus; é escravo dos seus próprios desejos.

Fica evidente a necessidade de que o homem seja resgatado da separação que ele tem do seu criador. A própria Bíblia ensina que o homem precisava de uma pessoa que pudesse remi-lo de todo o pecado; isso foi o que Cristo fez por nós (Tito 2.14).

## **2. RESSURREIÇÃO DE CRISTO**

### **2.1. Ressurreição como informação de início da nova vida**

A ressurreição não se torna uma figura de nova vida para o ser humano somente nesta vida terrena, mas ela também irá dar uma esperança futura. No tocante à primeira

---

<sup>5</sup>Termo grego que significa: Finalidade, fim, meta, objetivo.



carta do apóstolo Paulo aos tessalonicenses, torna-se interessante ressaltar a informação de Wright no que diz a respeito à ressurreição; através da exegese pode-se tirar uma conclusão a respeito do ressurgimento de Cristo, onde se afirma que os que já morreram, em alguma época futura, serão ressuscitados da morte “da mesma forma” (1º Tessalonicenses 4.14) (WRIGHT, 2013, p.315).

Essa mesma ideia pode ser constatada com Cerfaux quando este lembra que “a ressurreição de Cristo era considerada como a primeira das ressurreições dos mortos, a abrir o drama escatológico que sela o mundo presente” (CERFAUX, 2012i,p. 72). Dunn acrescenta que se a cruz de Jesus está no centro da teologia de Paulo, da mesma forma está também a ressurreição de Cristo (DUNN, 2003, p. 280).

Disso conclui-se que a ressurreição de Cristo foi a primeira desta vida divina (CERFAUX, 2012i, p. 249). Esta mesma ideia está registrada no Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento onde se lê que:

A ressurreição de Cristo é o acontecimento que inaugura e estabelece o fato de ele ser “o primeiro” (“as primícias”, na NVI) entre os que morreram (1º Co 15.20,23). É em relação a essa ideia que a analogia Adão-Cristo é introduzida pela primeira vez. M. Thrall entende que o debate cristológico que se desenrola em Corinto brota tanto da apresentação anteriormente feita por Paulo a respeito do tema adâmico quanto do equívoco em torno do tema por parte da igreja coríntia. Tal ideia está longe de ser comprovada e pressupõe um vacilo no pensamento de Paulo que é muito mais intencional do que tal teoria faria crer (2012, p. 20).

Paulo ensina aos coríntios que a ressurreição de Cristo é a segurança de nossa salvação (1º Co 15.15-19) tanto no presente como na vida após a morte. Portanto, fica evidente que a salvação foi possível por causa da cruz, da morte vicária de Cristo, corroborada por sua ressurreição.

A ressurreição de Ele foi a evasão para um gênero de vida totalmente renovado, para uma existência já não sujeita à lei do morrer e do transformar-se, mas situada para além disso: uma vida que inaugurou uma nova dimensão de ser homem.

Cerfaux relata que o judaísmo entendia a ressurreição sobre a influência (em grande parte) da antropologia semítica, pois o pensamento era de que a pessoa não





era concebida sem estar concretizada num corpo. Paulo insiste no aspecto espiritual da ressurreição aos coríntios, pois sua essência material é transformada e passa da ordem terrestre para a celeste.

Para os rabinos (sob a influência do pensamento semita), o entendimento a respeito do reino de Deus era de que o século futuro era diferente do século presente. O raciocínio rabínico remonta ao mundo futuro (no céu) as realidades do mundo presente.

Já no pensamento Paulino, sob a influência do pensamento helenista, fica claro que há um interesse para ir mais alto. A ideia do “sobrenatural” está certamente mais presente, representada pela palavra “celeste”. O céu é diferente das coisas da terra, pois o próprio Cristo já havia mencionado isto. Paulo menciona novamente o conceito da incorruptibilidade e da imortalidade. A carne e o sangue não têm capacidade de possuir o reino de Deus.

No pensamento grego, havia o entendimento de que o filósofo purifica a sua alma nesta vida, e livra-a das paixões, dos prazeres e das penas, isto é, do corpo. A morte é a magnífica ocasião da libertação total. De Platão a Cícero, é compreendido o desprezo do corpo e da sepultura e o cuidado da purificação, esperança da imortalidade da alma separada do corpo, voltando à vida divina e imortal. Paulo combateu este entendimento em Corinto. A esperança cristã e esta esperança grega são totalmente opostas, aquela se referindo à ressurreição, esta à libertação do corpo (CERFAUX, 2012i, p. 69-70).

## **2.2. O efeito da ressurreição para os alcançados em Cristo**

Paulo aborda a doutrina da ressurreição como forma de sucesso, pois não é apenas ele, mas inúmeras pessoas viram o Cristo ressuscitado. Não somente Paulo, mas os apóstolos e vários irmãos mencionam a realidade de que Cristo ressuscitou (1º Coríntios 15.4-6). Torna-se necessário ressaltar que o Evangelho de Paulo é o mesmo anunciado pelos demais apóstolos; esta ideia é trazida por Kistemaker:



(1º Coríntios 15.1) “Torno conhecido a vocês o evangelho que eu lhes preguei.” A tradução do verbo principal, tornar conhecido a vocês, nessa sentença, não sugere que Paulo esteja pregando um evangelho diferente do dos outros apóstolos. Com esse verbo ele transmite que ele lhes ensina mais uma vez o evangelho que ele lhes havia proclamado em dias anteriores (2004, p.729).

Dunn descreve que a ressurreição de Cristo abre uma nova realidade referente a criação (criatura), pois assim é equivalente ao que Adão representa. A existência de Adão foi uma existência dominada pelo pecado e pela morte. Já Cristo foi diferente, pois sua existência corporificada pela ressurreição é aquela na qual a morte usou seu agulhão e agora está sem o mesmo (1º Coríntios 15.54-57). Entre esta ação, Adão e Cristo abarcam toda a história do “primeiro” ao “último”. Mas se a obra do primeiro foi apontada pela morte universal, a eficácia do segundo realmente começa a partir da sua ressurreição. (DUNN, 2003, p. 289).

O cristão pode se alegrar com a ressurreição de Cristo, pois aquele foi “ressuscitado com Ele”, simbolizado pelo batismo. A renovação do seu ser, e também a novidade de vida, traz como consequência o resultado da ressurreição do Messias.

Barth nos dá uma ideia de quão importante é a notícia da ressurreição para o ser humano que almeja a vida nova que Cristo proporciona a todo aquele que nele crê:

A ressurreição não daria vida nova se fora apenas uma ocorrência anormal do mundo, (ou várias ocorrências que fossem), mas a possibilidade da vitória sobre a morte é (em Cristo) uma possibilidade universal. (“Eu sou a ressurreição e a vida; quem crer em mim, ainda que esteja morto, viverá!”). É também peremptória a verdade de que Jesus é o Cristo, e que a fidelidade de Deus revela-se nele pela fé (2005, p. 179).

Esse pensamento é válido para toda a teologia paulina, pois esta concepção é muito importante para o ser humano que necessita de salvação. O resgate de Cristo, O Ser divino, para com o ser humano é algo extremamente importante para a história da humanidade.



A ressurreição dá ao ser humano uma esperança para viver com Cristo, pois como Ele foi às primícias dos que dormiram (1º Coríntios 15.20) isto dá a esperança de viver com Jesus uma vida nova. A importância dessa verdade reside no fato de que a antiga criatura necessitava de um resgate, e através da ressurreição é possível ter essa esperança de ser unido novamente com o Criador.

### 3. CONCEITO DE NOVO HOMEM EM PAULO

#### 3.1. O novo homem

Um dos aspectos centrais do evangelho de Paulo foi a convicção de que com a chegada de Cristo, sua morte e ressurreição, houve uma transição para todos os que nEle creem. A “redenção” é obra exclusiva de Deus. O conceito paulino de “novo homem” é dominado pela fé na ação salvífica de Deus em Jesus Cristo. A morte substitutiva de Jesus pelos nossos pecados enquanto, de um lado livrou o homem do domínio anterior das potências destrutivas, isto é, do pecado, da morte e da lei, do outro, ofereceu-lhe a salvação através da participação da vida de Cristo ressuscitado. A nova criatura é feita com o propósito de restabelecer a comunhão do homem com seu Criador.

Barth defende essa mesma ideia no seu comentário aos Romanos, onde afirma que:

O homem “novo” [e eu também] nasce sob o signo da morte e da ressurreição de Cristo (4,25), e no conhecimento de Deus que vivifica os mortos e que fala ao que não é, como já sendo (4,17); (é por isso que eu, “junto” com o homem “novo”) nascemos de cima (João, 3,3) (2005, p. 236).

O poder de Deus torna-se eficaz quando o evangelho de Cristo é proclamado e as pessoas recebem esse *querygma* com fé. “A palavra da cruz” tem poder para ressuscitar o pecador da morte espiritual e para dar novidade de vida.



Esse processo de salvação é comentado por Dunn. Ele explica que no pensamento paulino, a morte e ressurreição de Cristo, é mencionado um conceito interessante de nova criatura. Segundo Dunn:

O poder do pecado só podia ser exaurido na morte. A morte de Jesus incorporou e representou esse fato. Sua ressurreição significou um novo começo, uma vida não mais sob o poder do pecado, não mais sob a sombra da morte. Isso era evangelho, era boa nova, porque se foi verdadeiro para Jesus podia ser verdadeiro para os outros (2003, p.370).

O homem não poderia salvar-se a si mesmo, pois pelos seus pecados, não poderia ser qualificado para Deus. A lei embora fosse espiritual, justa e boa, não haveria de justificá-lo e nem de salva-lo. O que Cristo fez pelo ser humano, isto é, resgatá-lo para a novidade de vida, foi o que nenhum outro homem poderia ter feito.

### **3.2. Batismo**

De forma resumida, o batismo segundo Paulo, constitui candidatos à ressurreição e coloca aos homens na sua esperança. O estar em Cristo faz com que o ser humano compartilhe da mesma comunhão com o seu Criador.

Crer no batismo faz o ser humano tornar-se uma nova criatura, ou seja, é considerar que Cristo o resgatou do pecado e o trouxe novamente para perto do Criador. Rega faz uma importante declaração com relação ao pensamento paulino no que diz respeito à fé batismal:

Em Paulo, o batismo significa uma confissão de fé em Cristo (Rm 6.3,4; 1º Pe 3.21) e de uma vida a ele dedicada (Rm 6.4-22), uma experiência de comunhão com o Senhor (Cl 2.12) e uma promessa de consumação por meio de Jesus (Rm 6.22) (2004, p. 228).

A confissão de fé é importante para que o cristão possa declarar que Cristo mudou a sua vida! Nessa situação do batismo estão presentes a morte de Jesus e as forças de sua ressurreição de igual maneira, de modo que a realização do batismo deve



ser entendida como um reviver sacramental da morte presente de Jesus e uma integração na realidade da ressurreição para o cristão.

Para Stott, o segredo de uma vida santificada está na mente. A fé torna-se importante para o ser humano entender esse procedimento. Entender que o velho homem foi crucificado, crer que o batismo em Cristo é a fé na morte e ressurreição do Senhor ressuscitado, é considerar que o ser humano através de Jesus, está ligado em Deus e neste caso, todos aqueles que creem, estão mortos para o pecado e vivos para Deus (STOTT, 2012, p. 214). O batismo torna-se um dos ápices dessa ligação do homem com Deus.

Cerfaux explica muito bem a questão do batismo em Paulo, para ele:

O batismo colocou-nos numa situação nova, digamos mesmo num estado de existência real que muda totalmente nosso relacionamento antigo, - que se tornou como que uma natureza, - o pecado. Somos doravante separados da vida antiga que se caracterizava pela sua propensão ao mal. Tal é a significação profunda do batismo. Somos batizados para o Cristo Jesus e, se quisermos explicar, para sua morte (2012ii, p. 342).

Assim o batismo assinala a morte do velho homem e o início maravilhoso de uma nova vida, sob o signo da ressurreição.

### **3.3. Um novo começo em Cristo**

Os princípios essenciais de estar “em Cristo” derivam do batismo, e do discipulado da Palavra do Senhor. Segundo Paulo, participar da vida cristã é estar em Jesus (Romanos 8.1). Ele indica a nova realidade doutrinária daquele que recebe o Cristo em sua existência. Adão foi um representante da humanidade; quando ele mesmo pecou, interferiu em toda a raça humana (Romanos 3.23). Com Cristo ressuscitado, e as pessoas crendo nEle, aqueles que professam esta fé começam a estar nEle.



Conforme Dunn esclarece, Adão é a humanidade, um indivíduo que incorpora ou representa toda uma raça de pessoas. E Cristo também representa toda a humanidade. Adão “é figura daquele que devia vir” (Romanos 5.14), isto é, Cristo. Quer dizer, é a contraparte escatológica do Adão primevo. Adão é o padrão ou “protótipo” de Cristo no sentido de que cada qual inicia uma época, e o caráter de cada época é estabelecido pela sua ação. Conseqüentemente todos os que pertencem à primeira época estão “em Adão”, e todos os que pertencem a segunda estão “em Cristo” (1º Coríntios 15.22) (DUNN, 2008, p. 243-244).

Schreiner *apud* Seidensticker demonstra o mesmo entendimento quando lembra o que Cristo fez pelos seres humanos:

Paralelamente com a humanidade “em Adão” a nova humanidade forma uma comunidade “em Cristo”. “E como todos morrem em Adão, assim em Cristo todos reaveram a vida” (1º Cor 15.22). Mas o novo Adão plasma a sua humanidade muito mais profundamente do que seria capaz de fazê-lo o “Adão terreno” (Rm 5.15-17). A fórmula “em Cristo”, de 1º Cor 15.22. não restringe, portanto, a indicar a associação corporativa e jurídica do homem com Cristo, mas exprime uma real comunhão de vida com ele, a qual consiste na participação da vida ressuscitada do “Espírito vivificador” [...] Quem está “em Cristo” é uma “nova criação” (2º Cor 5.17; Gl 6.15). (2004, p.91)

Segundo Cerfaux, após o batismo, o cristão está separado do pecado, assim como o morto está separado da sua vida anterior; esta separação é obra de Deus. Ela torna-se eficaz na vida do crente (CERFAUX, 2012ii, p. 343).

O velho homem foi condenado e colocado à morte na cruz, agora o corpo do pecado, a carne, o velho modo de existência perdeu seu domínio e controle sobre todos que estão em Cristo. O novo homem é o novo modo de existência inaugurado em Cristo Jesus.

Para Paulo, a nova vida inclui a liberdade da morte, ainda que os fiéis sejam entregues diariamente à ela (Rm 8.36; 2º Cor 4.10). Mas a sua potência escravizante está rompida (1º Cor 15.55) (BORNKAMM, 2009, p. 248).

No plano paulino que se encontra em 1º Tessalonicenses 5.10 o conceito básico de que o homem é uma nova criatura, é possibilitado pelo plano de salvação de Jesus.



Cristo “morreu por todos” os cristãos ligados a ele para que, quer vigiem, quer durmam, vivam em união com ele (SCHNELLE, 2010ii, p. 318).

Conforme já mencionado, se o primeiro Adão era a figura do segundo, a obra de Cristo, foi maior que a do primeiro Adão. A graça do Messias é maior que o pecado do primeiro Adão.

Na nova vida em Cristo os cristãos são convocados à verdadeira liberdade (Gálatas 5.1); nem Lei nem moral alguma fora de Cristo pode agregar algo a alguém, nem mesmo a gentios como são os gálatas (Gálatas 4.21-31). Quem está em Cristo vive na “fé que opera pelo amor” (Gálatas 5.6). Juntando numa só afirmação as duas atribuições, Paulo aí explica sua compreensão mais completa de vida cristã. O cristão, porque vive em Cristo, descobre substituir a salvação da lei pela salvação da fé (Romanos 10.4), e a ética da Lei pela ética do amor (Romanos 13.10). Aquele que está em Cristo, portanto, é nova criação.

### **3.4. Reconciliados com o Criador**

O texto de 2º Coríntios 5 é dado como texto da reconciliação. A ideia de reconciliação é de exclusividade paulina, pois o apóstolo dá uma ênfase muito grande nesta palavra e neste ato. Dunn transmite esta ideia quando descreve:

Uma imagem alternativa que Paulo usa e que no NT se encontra só nas cartas paulinas é a da reconciliação. Ela é particularmente marcante em 2º Cor 5.18-20. [...] a imagem é óbvia. Pressupõe um estado de afastamento ou hostilidade entre Deus e a humanidade. A ideia de que a morte pode trazer reconciliação pode em si mesma evocar a ideia da teologia do mártir (implícita também em Rm 5.7). Há vários aspectos dignos de nota no texto. (a) Um é a forte insistência em que a reconciliação é entre Deus e o mundo. É a relação fundamental Criador/criatura que é restaurada aqui. Cristo é o meio da reconciliação, não aquele que é reconciliado. (b) Outro aspecto é a insistência igualmente forte em que Deus estava envolvido no ato de reconciliação, "por Cristo" (v. 18), "em Cristo" (v. 19). [...] A imagem não é de Deus como de um oponente irado que precisa ser adulado ou implorado, mas de Deus, o parceiro ofendido, procurando ativamente a reconciliação. (c) Igualmente digna de nota é a metáfora correlata ou alternativa –“não imputando aos homens suas faltas”. A imagem de perdoar ou optar por ignorar uma hostilidade ativa pode ser tão



eficaz quanto a do sacrifício pelos pecados. (d) Não menos interessante é a confirmação de que a mensagem da reconciliação, focalizada na cruz (5.21), é o centro do evangelho. Se Cristo é o representante de Deus ao realizar a reconciliação ("Deus estava em Cristo"), os apóstolos são os representantes de Deus ao proclamá-lo ("por nosso intermédio Deus vos exorta") (2003, p. 274-275).

Cristo foi quem reconciliou os humanos que nEle crêem com o Criador quando morreu na cruz pelos humanos, Ele é o reconciliador que restaurou a relação do homem com o seu Deus.

A salvação/reconciliação é uma obra exclusiva de Deus, este ato dEle para com o ser humano, envolve o exercício de Sua graça, justificação e o perdão do pecado. O efeito do sacrifício de Jesus é que o relacionamento do homem mudou de inimizade para amizade.

Aquilo que Cristo realizou para com o ser humano irá para uma certeza escatológica, pois o estar em Cristo e a sua reconciliação, dará a evidência de que o mundo vindouro pela fé é aguardado para todos que receberem o senhorio de Jesus (BARTH, 2008, p.112).

O amor de Deus se revela na cruz do calvário para com os seres humanos. Após o batismo, a pessoa participa da novidade de vida em Cristo Jesus. Schnelle aborda que:

Paulo desenvolve em 2º Cor 5,14-21 é o conceito da reconciliação. Paulo insere-o numa profunda reflexão sobre os fundamentos e a presença do evento salvífico na comunidade. Nesse contexto, o amor de Cristo aparece como uma realidade de Deus que determina do mesmo modo a comunidade e o apóstolo. Ela se revela na morte de Jesus na cruz e é expressa por Paulo nesse trecho pelo pensamento da comunhão sacramental de destino: "Um só morreu por todos; por conseguinte, todos morreram" (2Cor 5,14b). A pessoa batizada (Gl 2.19.2; Rm 6.3,4) participa plenamente do evento singular da salvação e é colocada por meio disso numa nova realidade de vida: já não vive num mero autorrelacionamento, mas para seu Senhor morto e ressuscitado (2010i, p.318).

O Messias realizou a reconciliação. Por meio da obra expiatória de seu Filho, Deus já reconciliou os seres humanos que o confessam como Salvador (5.18). O





apóstolo Paulo escreve que foi Deus quem tomou a iniciativa como também completou a reconciliação, antes mesmo que os seres humanos pelo menos pensassem em responder ao convite de Deus para reconciliar com ele (Romanos 5.10-11). Deus, sendo a parte ofendida, não tinha de buscar a reconciliação, contudo ofereceu seu Filho para efetuá-la por meio dEle em favor da raça humana.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa propôs-se a pesquisar um dos pensamentos principais do apóstolo Paulo. Aqui foi explicada a condição da antiga criatura através do pensamento paulino.

Ficou compreendido que pelo pecado do primeiro homem, todos haviam sido separados de Deus. Este conceito é importante para que todo cristão possa compreender a obra do Messias na vida de todo aquele que nEle crê, pois todo homem necessita de um resgate, visto que o mesmo está em pecado por causa da desobediência de Adão. É necessária uma restauração.

Depois foi exposta a ressurreição como ponto de partida para o início da nova vida para todos os que confessam a Cristo Jesus. Ela é considerada como as primícias dos que dormem em Cristo. Esta realidade é dada como a segurança da nossa salvação.

A teologia e o pensamento do apóstolo Paulo mostra que o ser humano necessita de uma reconciliação. A salvação está disponível a todos aqueles que confessarem a Jesus como o seu Senhor! Todos serão completos, perfeitos, somente no dia do seu retorno.

Ao concluir este trabalho ressalta-se que existem alguns tópicos que podem ser desenvolvidos como nova pesquisa. É importante salientar ainda que o artigo buscou frisar sempre a obra de Cristo para com o homem, propondo para o ser humano uma nova vida. Mesmo que essa pesquisa não tenha ênfase escatológica, afirma-se que o retorno de Cristo é dado como certo pelas Escrituras.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo:Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Plenitude**.ARC. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BORNKAMM, Gunther. **Paulo, vida e obra**. Santo André: Editora Academia Cristã, 2009.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2008.

BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

CERFAUX, Lucien. **Cristo na Teologia de Paulo**. Santo André (SP):Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012i.

CERFAUX, Lucien. **O Cristão na Teologia de Paulo**. Santo André (SP):Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012ii.

DUNN, James D.G. **A teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo:Paulus, 2003.

REGA, Lourenço S. (organizador). **Paulo e sua Teologia**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

REY, Bernard. **Nova criação em cristo no pensamento Paulino**. Santo André: Editora Academia Cristã, 2005.

SCHNELLE, Udo. **Paulo, vida e pensamento**. Santo André (SP):Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010i.

SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André (SP):Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010ii.

SCHNELLE, Udo. **A evolução do pensamento paulino**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SCHREINER, Josef. (organizador). **Forma e exigências do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004.

STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU Editora, 2000.



VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE JR., W. **Dicionário Vine**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

WRIGHT, N.T. **A ressurreição do filho de Deus**. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2013.